

*GOGO E DIDI*

*CANTATA COM PRELÚDIO E FUGAS*

CRIAÇÃO D' A PESTE, A PARTIR DE PEÇAS DE SAMUEL BECKETT

PEÇAS EM QUE SE BASEIA:

EN ATTENDANT GODOT (1949)

COME AND GO (1965)

FOOTFALLS (1965)

THAT TIME (1974-75)

WHAT WHERE (1983)

**PRELÚDIO (A PARTIR DE *THAT TIME*)**

---

*Bam, Pim, Pam e Pum em cima do banco.*

BAM – Aquela vez em que voltaste, aquela última vez, para ver se ainda lá estavam as ruínas onde em menino te escondias. Ou sozinho nas mesmas cenas, a inventar aquilo daquela maneira. Questão de aguentar o vazio em cima da pedra. Sozinho na ponta da pedra, com os fantasmas das mulas ou rato afogado ou sabe-se lá o quê. E à volta tudo imóvel. Nenhum sinal de vida. Vivalma lá fora. Nenhum ruído.

PIM – Desapareceram todos há muito tempo. Voltaste para ver se ainda lá estavam as ruínas onde em menino te escondias. As ruínas de uma loucura. A Loucura.

PAM – E a tua mãe. Ah, cala-te! Desapareceram todos há muito. A tribo toda. Tu, o último a deixar-se cair na laje com o teu velho casacão e o teu chapéu de coco, com os teus braços à volta do corpo (de quem mais haviam de ser?), para sentir um pouco de calor.

PUM – À volta tudo imóvel: só as espigas, as folhas e vocês também imóveis em cima da pedra, como que espantados. Nem um ruído, nem uma palavra. Só um murmúrio.

BAM – E o bocado de uma árvore ainda de pé. O resto, só cascalho e urtigas. Onde foi que dormiste? Numa fossa, numa fossa.

PUM – Nunca vinha ninguém a não ser o menino, no meio das urtigas gigantes, em cima do muro desfeito, na noite escura ou no luar, e os outros todos andavam pelos caminhos à procura dele, a falarem sozinhos para assim terem companhia ali onde ninguém vinha.

PAM – Era sempre inverno, inverno sem fim, ano após ano, como se nunca acabasse o ano velho, como o tempo.

PIM – Arrastando-te ao longo dos anos imerso na tua porcaria de sempre, murmurando para ti (para quem havia de ser?): “Nunca mais serás o mesmo depois disto.”

BAM – Alguma vez na vida foste capaz de te tratar por eu? «Viragem.» Toda a vida em viragens, umas a seguir às outras. Aquela vez, um verme enrolado no lodo, quando te tiraram dali e limparam e desenrolaram. Nunca mais houve outra viragem depois daquela. Foste sempre a direito a partir daí.

PUM – E a partir daí inventando o melhor que podias.

PAM – De repente, o sítio ficou todo cheio de pó. Quando abriste os olhos, do chão até ao tecto era só pó e nem um ruído.

BAM – E então desististe, desististe e deixaste-te cair na ponta da pedra, à espera que a lua chegasse. E o que foi que ela te disse quando chegou? «Mal chegaste, já te vais. Mal chegaste, já te vais.» Mas ninguém chegou, ninguém partiu.

*(Saem. O Menino atravessa o espaço.)*

---

**GODOT 1**

*Estragon acorda e tenta descalçar a bota. Puxa-a com ambas as mãos, arfando. Pára exausto, descansa com a respiração ofegante e recomeça da mesma forma.*

ESTRAGON, *desistindo mais uma vez* – Nada a fazer.

VLADIMIR, *junto à árvore* – Começo a ter a mesma opinião. Toda a minha vida tentei resistir. Dizia para mim mesmo: «Vladimir, sê razoável, ainda não experimentaste tudo.» E recomeçava a luta. *(Como se pensasse na luta.)*

VLADIMIR, *caminhando na direção de Estragon* – Cá estás tu outra vez.

ESTRAGON – Estou?

VLADIMIR – Fico contente por te voltar a ver. Pensava que te tinhas ido embora para sempre.

ESTRAGON – Também eu.

VLADIMIR – Até que enfim que voltamos a estar juntos! O que havemos de fazer para festejar? (*Pensa.*) Levanta-te para eu te abraçar. (*Estende a mão a Estragon.*)

ESTRAGON, *irritado* – Agora não, agora não.

VLADIMIR, *melindrado, frio* – Pode-se saber onde é que Sua Excelência passou a noite?

ESTRAGON – Numa fossa.

VLADIMIR, *espantado* – Uma fossa? Onde?

ESTRAGON, *sem qualquer gesto* – P'ráli.

VLADIMIR – E não te bateram?

ESTRAGON – Bateram-me? Claro que me bateram.

VLADIMIR – Os mesmos de sempre?

ESTRAGON – Os mesmos? Não sei.

VLADIMIR – Quando me ponho a pensar nisso... em todos estes anos... se não fosse eu... o que seria de ti? (*Decidido.*) Hoje não passavas de um montinho de ossos, não tenho dúvidas.

ESTRAGON, *impressionado* – Então? E depois?

VLADIMIR, *abatido* – Isto é demais para um homem só. (*Pausa. Alegre.*) Por outro lado, de que é que me serve agora desanimar, digo eu. Já devíamos ter pensado nisso há um milhão de anos atrás, aí por volta de 1900.

ESTRAGON – Deixa-te de conversas e ajuda-me a descalçar esta porcaria.

VLADIMIR – Teríamos sido dos primeiros a voar, de mãos dadas, do topo da Torre Eiffel. Na altura ainda tínhamos bom ar. Agora é tarde demais. Nem sequer nos deixavam subir.

---

**GODOT 3**

*Estragon agarra-se à bota.*

VLADIMIR – O que é que tu estás a fazer?

ESTRAGON – A descalçar a minha bota. Nunca te aconteceu?

VLADIMIR – Estou farto de te dizer que se tem de descalçar as botas todos os dias. Porque é que nunca me dás ouvidos?

ESTRAGON, *enfraquecido* – Ajuda-me!

VLADIMIR – Dói?

ESTRAGON – Dói! Ele quer saber se me dói!

VLADIMIR, *zangado* – Só tu é que sofres! Eu não existo. Sempre gostava de te ouvir se tivesses o que eu tenho.

ESTRAGON – Dói?

VLADIMIR – Dói! Ele quer saber se me dói!

ESTRAGON, *apontando* – De qualquer modo, isso não é motivo para estares com a braguilha aberta.

VLADIMIR, *debruçando-se* – Tens razão. (*Abotoa a braguilha.*) Há que dar valor às pequenas coisas.

ESTRAGON – O que é que queres, estás sempre à espera do último minuto.

VLADIMIR, *sonhador* – O último minuto... (*Medita.*) Quanto mais tarda mais arrecada.

Quem é que disse isto?

ESTRAGON – Porque é que não me ajudas?

VLADIMIR – Há dias em que sinto que, apesar de tudo, está para acontecer. E então fico todo esquisito. (*Tira o chapéu, olha para dentro dele, passa a mão por dentro, sacode-o, volta a pô-lo na cabeça.*) Como é que hei-de dizer? Aliviado e ao mesmo tempo... (*procura a palavra*)... horrorizado. (*Enfático.*) HO-RRO-RI-ZA-DO. (*Volta a tirar o chapéu e olha para dentro dele.*) Engraçado! (*Bate no chapéu como que para desalojar um corpo estranho, volta a olhar e põe-no na cabeça.*) Nada a fazer. (*À custa de muito esforço, Estragon consegue descalçar a bota. Olha para dentro da bota, passa a mão por dentro, vira-a, sacode-a, procura se não caiu qualquer coisa no chão. Não encontra nada, volta a passar a mão pela bota, o olhar vago em frente.*) Então?

ESTRAGON – Nada.

VLADIMIR – Deixa ver.

ESTRAGON – Não há nada para ver.

VLADIMIR – Experimenta calçá-la outra vez.

ESTRAGON, *examinando o pé* – É melhor deixá-lo arejar um bocado.

VLADIMIR – Ora aqui temos um homem como deve ser! Acusa as botas da culpa que é dos pés. (*Volta a tirar o chapéu, olha para dentro dele, passa a mão por dentro,*

*sacode-o, bate nele, sopra, volta a pô-lo na cabeça.) Isto está a tornar-se preocupante.*

*(Silêncio. Estragon mexe o pé, esticando os dedos para melhor circulação do ar.)*

---

**GODOT 4**

VLADIMIR – Um dos ladrões foi salvo. *(Pausa.)* É uma percentagem razoável. *(Pausa.)*

Gogo!

ESTRAGON – O que é?

VLADIMIR – E se nos arrependêssemos?

ESTRAGON – De quê?

VLADIMIR – Bem... *(Pensa.)* Não me parece necessário entrar em pormenores.

ESTRAGON – De termos nascido?

*Vladimir solta uma grande gargalhada que reprime de imediato, levando a mão ao púbis, a cara contraída de dor.*

VLADIMIR – Já nem se pode rir.

ESTRAGON – Terrível privação.

VLADIMIR – Apenas sorrir. *(Sorri de repente de orelha a orelha, continua a sorrir, interrompe de repente.)* Não é a mesma coisa. Nada a fazer. *(Pausa.)* Gogo!

ESTRAGON, *irritado* – O que é?

VLADIMIR – Já alguma vez leste a Bíblia?

ESTRAGON – A Bíblia... *(Pensa.)* Devo ter dado uma vista de olhos.

VLADIMIR – Lembras-te dos Evangelhos?

ESTRAGON – Lembro-me dos mapas da Terra Santa. Eram coloridos. Muito bonitos. O Mar Morto era azul-bebé. Só de olhar para ele ficava com sede. Costumava dizer: «É para lá que vamos passar a nossa lua-de-mel. Vamos nadar. Vamos ser felizes.»

VLADIMIR – Devias ter ido para poeta.

ESTRAGON – E fui! (*Um gesto a indicar os trapos com que está vestido.*) Não se nota?

*Silêncio.*

VLADIMIR – Onde é que eu ia...Como é que está o teu pé?

ESTRAGON – A inchar a olhos vistos.

VLADIMIR – Ah, já sei: os dois ladrões. Lembras-te da história?

ESTRAGON – Não.

VLADIMIR – Queres que ta conte?

ESTRAGON – Não.

VLADIMIR – Ajuda a passar o tempo. (*Pausa.*) Eram dois ladrões que foram crucificados ao mesmo tempo que o nosso Salvador.

ESTRAGON – O nosso quê?

VLADIMIR – O nosso Salvador. Dois ladrões. Dizem que um foi salvo e que o outro foi... (*procura o contrário de «salvo»*)... condenado.

ESTRAGON – Foi salvo de quê?

VLADIMIR – Do inferno.

ESTRAGON – Vou-me embora.

*Não se mexe.*

VLADIMIR – E no entanto... (*Pausa.*)...espero não te estar a aborrecer... como é que, dos quatro Evangelistas, só um fala do ladrão que foi salvo? Estiveram lá todos, ou pelo menos não andaram longe, mas só um deles fala dum ladrão que foi salvo. (*Pausa.*) Então, Gogo, de vez em quando podias dizer alguma coisa.

ESTRAGON, *com um entusiasmo exagerado* – Acho que isso é extraordinariamente interessante!

VLADIMIR – Um em quatro. Dos outros três, dois deles nem sequer falam de ladrões e o terceiro diz que os dois lhe faltaram ao respeito.

ESTRAGON – Quem?

VLADIMIR – O quê?

ESTRAGON – Não estou a perceber nada! (*Pausa.*) Faltaram ao respeito a quem?

VLADIMIR – Ao nosso Salvador.

ESTRAGON – Porquê?

VLADIMIR – Porque ele não os quis salvar.

ESTRAGON – Do inferno?

VLADIMIR – Não, estúpido! Da morte.

ESTRAGON – Pensei que tinhas dito do inferno.

VLADIMIR – Da morte, da morte.

ESTRAGON – Então e depois?

VLADIMIR – Então devem ter sido os dois condenados.

ESTRAGON – E porque não?

VLADIMIR – Mas um dos quatro diz que um dos dois foi salvo.

ESTRAGON – E depois? Não estão de acordo nesse ponto, paciência.

VLADIMIR – Mas estiveram lá os quatro. E só um deles é que fala de um ladrão que foi salvo. Porquê acreditar mais nele do que nos outros?

ESTRAGON – Quem é que acredita nesse?

VLADIMIR – Toda a gente. É a única versão que conhecem.

*Estragon levanta-se a custo. Coxeia até ao banco. Sobe para cima do banco. Olha na direção do público. Vladimir aproxima-se da bota, pega nela, olha para dentro, cheira e larga-a precipitadamente, enojado.*

ESTRAGON – As pessoas são todas umas bestas!

VLADIMIR – Bah!

---

**GODOT 5**

*Estragon vai ao centro da cena, de costas para o público.*

ESTRAGON – Que sítio encantador. (*Vira-se, olha na direção do público.*) Perspectivas animadoras.

ESTRAGON, *virando-se para Vladimir* – Vamos embora.

VLADIMIR – Não podemos.

ESTRAGON – Porquê?

VLADIMIR – Estamos à espera de Godot.

ESTRAGON, *sem esperança* – Ah, pois é. (*Pausa.*)

---

**GODOT 6**

ESTRAGON – Tens a certeza que era aqui?

VLADIMIR – Aqui, o quê?

ESTRAGON – Que tínhamos de esperar.

VLADIMIR – Ele disse ao pé da árvore. (*Olham para a árvore.*) Vês mais alguma?

ESTRAGON – Que árvore é que é?

VLADIMIR – Não sei. Parece um chorão.

ESTRAGON – Então e as folhas?

VLADIMIR – Deve estar morto.

ESTRAGON – Acabaram-se as lágrimas.

VLADIMIR – Ou então ainda não é a estação dele.

ESTRAGON – Parece mais uma moita.

VLADIMIR – Um arbusto.

ESTRAGON – Uma moita.

VLADIMIR – Um – (*Interrompe-se, indignado.*) O que é que estás a insinuar? Que nos enganámos no sítio?

---

**GODOT 7**

ESTRAGON – Ele já cá devia estar.

VLADIMIR – Ele não deu a certeza que vinha.

ESTRAGON – E se ele não vier?

VLADIMIR – Voltamos amanhã.

ESTRAGON – E depois de amanhã.

VLADIMIR – Talvez.

ESTRAGON – E por aí fora.

VLADIMIR – Quer dizer...

ESTRAGON – Até que ele venha.

VLADIMIR – És implacável.

---

**GODOT 8**

ESTRAGON – Já cá viemos ontem.

VLADIMIR – Ai não não. Estás enganado.

ESTRAGON – O que é que nós fizemos ontem?

VLADIMIR – O que é que nós fizemos ontem?!

ESTRAGON – Sim.

VLADIMIR – Bom... (*Zangado.*) Contigo nunca se tem a certeza de nada.

ESTRAGON – Cá para mim, ontem estivemos aqui.

VLADIMIR, *olhando à volta* – Reconheces este lugar?

ESTRAGON – Eu não disse isso.

VLADIMIR – De qualquer das formas... esta árvore... (*virando-se para o público*)... aquele lamaçal.

ESTRAGON – Tens a certeza que era esta noite?

VLADIMIR – O quê?

ESTRAGON – Que tínhamos de esperar?

VLADIMIR – Ele disse no Sábado. (*Pausa.*) Parece-me...

ESTRAGON – Parece-te?

VLADIMIR – Devo ter tomado nota.

*Vasculha nos bolsos, donde tira lixo vário.*

ESTRAGON, *insidioso* – Mas qual Sábado? E será que hoje é Sábado? Não será Domingo? (*Pausa.*) Ou Segunda? (*Pausa.*) Ou Sexta?

VLADIMIR, *olhando desenfreadamente à sua volta, como se o dia estivesse escrito na paisagem* – Não é possível...

ESTRAGON – Ou Quinta?

VLADIMIR – O que é que fazemos?

ESTRAGON – Se ele veio cá ontem e nós não estávamos, podes ter a certeza que hoje não aparece.

VLADIMIR – Mas tu disseste que estivemos cá ontem.

ESTRAGON – Posso estar enganado. *(Pausa.)* Vamos calar-nos um minuto, queres?

VLADIMIR, *fraco* – Se quero.

*Estragon senta-se na pedra. Vladimir caminha para a árvore. Estragon adormece. Vladimir pára em frente da árvore.*

---

**PRIMEIRA FUGA (A PARTIR DE FOOTFALLS)**

*A primeira atriz (a Mãe) atravessa a cena e esconde-se atrás da cortina preta. A segunda (Ema) coloca-se junto á árvore.*

*Ema faz dois percursos. Os nove passos são acompanhados de som de pauzinhos.*

EMA – Mãe. *(Pausa.)* Mãe. *(Pausa.)*

VOZ – Sim, Ema.

EMA – Estavas a dormir?

VOZ – Profundamente. *(Pausa.)* Ovi-te no meu sono profundo. *(Pausa.)* Não há sono profundo que me impeça de te ouvir. *(Pausa. Ema recomeça a andar, dois percursos. Ao primeiro, a Voz sincroniza a contagem com os passos de Ema.)* Sete, oito, nove e vira. *(Ao segundo, a mesma coisa.)* Sete, oito, nove e vira. *(Pausa.)* Não queres tentar dormir um bocadinho? *(Ema pára de frente à direita. Pausa.)*

EMA – Queres que te dê a injeção...outra vez?

VOZ – Sim, mas ainda é cedo de mais. *(Pausa.)*

EMA – Queres que te mude de posição...outra vez?

VOZ – Sim, mas ainda é cedo de mais. *(Pausa.)*

EMA – Queres que te endireite as almofadas? *(Pausa.)* Que te mude o lençol? *(Pausa.)* Que te ponha a arrastadeira? *(Pausa.)* A botija de água quente? *(Pausa.)* Que te trate

as chagas? *(Pausa.)* Que te limpe com a esponja? *(Pausa.)* Que te humedeça os lábios?  
*(Pausa.)* Que reze contigo? *(Pausa.)* Por ti? *(Pausa.)* Outra vez. *(Pausa.)*

VOZ – Sim, mas ainda é cedo de mais. *(Pausa. Ema recomeça a andar. Um percurso. Pára de frente à esquerda. Pausa.)*

EMA – Que idade tenho eu...agora?

VOZ – E eu? *(Pausa. Sem ênfase.)* E eu?

EMA – Noventa.

VOZ – Tanto?

EMA – Oitenta e nove, noventa.

VOZ – Tive-te tarde. *(Pausa.)* Na vida. *(Pausa.)* Perdoa-me mais uma vez. *(Pausa. Sem ênfase.)* Perdoa-me...mais uma vez. *(Pausa.)*

EMA – Que idade tenho eu...agora?

VOZ – Estás nos quarenta.

EMA – Só?

VOZ – Infelizmente, sim. *(Pausa. Ema recomeça a andar. Um percurso. Durante o percurso.)* Ema. *(Pausa. Sem ênfase.)* Ema.

EMA *(No final do percurso.)* – Sim, mãe.

VOZ – Nunca vais parar? *(Pausa.)* Nunca vais parar de remexer em tudo isso?

EMA – Isso?

VOZ – Isso tudo. *(Pausa.)* Na tua pobre cabeça. *(Pausa.)* Isso tudo. *(Pausa.)* Isso tudo.  
*(Pausa.)*

VOZ – Eu ando a rondar por aqui, agora. *(Pausa.)* Ou melhor: chego e pespego-me aqui. *(Pausa.)* Ao cair da noite. *(Pausa.)* Ela imagina que está só. *(Pausa.)* Vejam como fica imóvel, de cara para a parede. *(Pausa.)* Que fixidez! Que impassibilidade aparente! *(Pausa.)* Neste sítio, o chão, agora raso, outrora estava coberto de um tapete, um tapete espesso. Até ao dia em que, ou antes à noite, até à noite em que, mal saída da infância, chamou a mãe e lhe disse: mãe, isto não chega. *(Pausa.)* Será que dorme, podemos perguntar-nos? Sim, há noites em que dormita um pouco, encosta a pobre cabeça à parede e dormita um bocadinho. *(Pausa.)* E ainda fala? Sim, certas noites, quando julga que ninguém a ouve. *(Pausa.)* Conta como foi, tenta contar como foi. Aquilo tudo. *(Pausa.)* Aquilo tudo.

*(Silêncio.)*

EMA – Mãe. *(Pausa.)* Mãe. *(Pausa.)*

VOZ – Sim, Ema.

EMA – Estavas a dormir?

VOZ – Profundamente. *(Pausa.)* Ouve-te no meu sono profundo. *(Pausa.)* Não há sono profundo que me impeça de te ouvir. *(Pausa. Ema recomeça a andar, um percurso. A voz sincroniza a contagem com os passos de Ema.)* Sete, oito, nove e vira. *(Ema pára de frente à direita. Pausa.)* Não queres tentar dormir um bocadinho?

EMA – Queres que te endireite as almofadas? *(Pausa.)* ... lençol? *(Pausa.)* ... arrastadeira? *(Pausa.)* ... botija de água quente? *(Pausa.)* ... chagas? *(Pausa.)* Que reze contigo? *(Pausa.)* Por ti? *(Pausa.)* Outra vez? *(Pausa.)*

VOZ – Sim, mas ainda é cedo de mais. *(Pausa. Ema recomeça a andar. Um percurso. Pausa.)*

VOZ – Ema. (*Pausa. Sem ênfase.*) Ema.

EMA (*Depois de terminar o percurso.*) – Sim, mãe.

VOZ – Nunca vais parar? (*Pausa.*) Nunca vais parar de remexer em tudo isso? (*Pausa.*)

Na tua pobre cabecinha. (*Pausa.*) Isso tudo. (*Pausa.*) Isso tudo. (*Pausa.*)

*Saem. Fade out.*

---

**GODOT 9**

VLADIMIR – Gogo!... Gogo!... GOGO!

*Estragon acorda sobressaltado.*

ESTRAGON, *retoma a consciência do horror da sua situação* – Estava a dormir!

(*Desesperado.*) Porque é que tu nunca me deixas dormir?

VLADIMIR – Senti-me sozinho.

ESTRAGON – Tive um sonho.

VLADIMIR – Não mo contes!

ESTRAGON – Sonhei que –

VLADIMIR – NÃO MO CONTES!

ESTRAGON, *com um gesto a indicar o universo* – Isto chega-te? (*Silêncio.*) Não é bonito

da tua parte, Didi. A quem é que eu hei-de contar os meus pesadelos privados se não

os puder contar a ti?

VLADIMIR – Mantém-nos privados. Sabes muito bem que eu não suporto isso.

ESTRAGON, *frio* – Há momentos em que me pergunto se não seria melhor separarmo-

nos.

VLADIMIR – Não ias longe.

ESTRAGON – Isso ia ser muito mau. Mesmo muito mau. (*Pausa.*) Ia ou não ia ser muito mau, Didi? (*Pausa.*) Tendo em conta a beleza do caminho. (*Pausa.*) E a bondade dos caminhantes. (*Pausa. Carinhoso.*) Não é, Didi?

VLADIMIR – Calma.

---

**GODOT 10**

ESTRAGON, *voluptuosamente* – Calma... calma... Os ingleses dizem «cauma». São pessoas «caumas». (*Pausa.*) Conheces a história do inglês que foi a um bordel?

VLADIMIR – Conheço.

ESTRAGON – Então conta-ma.

VLADIMIR – Pára com isso!

ESTRAGON – Um inglês, que tinha bebido um pouco mais do que o habitual, resolve ir a um bordel. A patroa pergunta-lhe se ele quer uma loura, uma morena ou uma ruiva. Continua.

VLADIMIR – PÁRA COM ISSO!

---

**GODOT 11**

*Silêncio. Estragon observa a árvore atentamente.*

VLADIMIR – E agora, o que é que fazemos?

ESTRAGON – Esperamos.

VLADIMIR – Está bem, e enquanto esperamos?

ESTRAGON, *ainda a olhar para a árvore* – E se nos enforcássemos?

VLADIMIR – Mmm. Depois ficávamos com tesão!

ESTRAGON, *muito excitado* – Tesão?

VLADIMIR – E com tudo o que sai a seguir. E onde essa «coisa» cai rebentam as mandrágoras. É por isso que elas gritam quando as arrancam. Não sabias?

ESTRAGON – Vamo-nos enforçar já!

VLADIMIR – Num ramo? (*Aproximam-se da árvore.*) Não me parece de confiança.

ESTRAGON – Não se perde nada em experimentar.

VLADIMIR – Força.

ESTRAGON – Primeiro tu.

VLADIMIR – Não senhor, primeiro tu.

ESTRAGON – Porquê eu?

VLADIMIR – Porque és mais leve do que eu.

ESTRAGON – Por isso mesmo!

VLADIMIR – Não percebo.

ESTRAGON – Puxa lá pela cabeça.

*Vladimir pensa.*

VLADIMIR, *finalmente* – Continuo a não perceber.

ESTRAGON – O ramo... o ramo... (*Zangado.*) Puxa lá pela cabeça!

VLADIMIR – Não percebo!

ESTRAGON – Eu explico-te. (*Pensa. Depois, com esforço.*) Gogo leve – ramo não partir – Gogo morto. Didi pesado – ramo partir – Didi sozinho.

VLADIMIR – Não tinha pensado nisso.

ESTRAGON – Se puder contigo, pode com qualquer coisa.

VLADIMIR – Mas eu sou mais pesado do que tu?

ESTRAGON – Lá isso não sei. O que é que tu achas? Há cinquenta por cento de probabilidades. Ou quase.

VLADIMIR – E então, o que é que fazemos?

ESTRAGON – Deixa estar. O melhor é não fazermos nada. É mais seguro.

---

**GODOT 12**

VLADIMIR – Vamos esperar para ver o que é que ele diz.

ESTRAGON – Quem?

VLADIMIR – Godot!

ESTRAGON – Boa ideia.

VLADIMIR – Vamos esperar para saber exactamente em que pé estamos.

ESTRAGON – Por outro lado, talvez não fosse mau malhar o ferro enquanto está quente.

VLADIMIR – Estou com curiosidade para saber o que ele tem para nos oferecer. Depois, é pegar ou largar.

ESTRAGON – O que é que nós lhe pedimos exactamente?

VLADIMIR – Não estavas lá?

ESTRAGON – Não devia estar a ouvir.

VLADIMIR – Oh... nada de muito concreto.

ESTRAGON – Uma espécie de oração.

VLADIMIR – Precisamente.

ESTRAGON – Uma súplica vaga.

VLADIMIR – Exactamente.

ESTRAGON – E o que é que ele respondeu?

VLADIMIR – Que «ia ver».

ESTRAGON – Que «não podia prometer nada».

VLADIMIR – Que «tinha de pensar no assunto».

ESTRAGON – «No sossego da sua casa».

VLADIMIR – «Consultar a sua família.»

ESTRAGON – «Os amigos.»

VLADIMIR – «Os agentes.»

ESTRAGON – «Os correspondentes.»

VLADIMIR – «Os arquivos.»

ESTRAGON – «A conta bancária.»

VLADIMIR – «Antes de tomar uma decisão.»

ESTRAGON – O costume.

VLADIMIR – É, não é?

ESTRAGON – Acho que sim.

VLADIMIR – Eu também.

*Silêncio.*

**GODOT 13**

---

ESTRAGON, *ansioso* – Então e nós?

VLADIMIR – *I beg your pardon?*

ESTRAGON – Eu disse: «Então e nós?»

VLADIMIR – Não percebo.

ESTRAGON – Qual é o nosso papel no meio disto tudo?

VLADIMIR – O nosso papel?

ESTRAGON – Não tenhas pressa.

VLADIMIR – O nosso papel? De mendigos.

ESTRAGON – Isto está assim tão mau?

VLADIMIR – Terá Sua Excelência alguma exigência a fazer?

ESTRAGON – Já não temos direitos?

*Gargalhada de Vladimir, reprimida como antes.*

VLADIMIR – Se não fosse proibido fazias-me rir.

ESTRAGON – Perdemos os nossos direitos?

VLADIMIR, *com clareza* – Livrámo-nos deles.

*Silêncio. Ambos quietos, os braços baloiçando, a cabeça descaída, os joelhos dobrados.*

**GODOT 14**

---

ESTRAGON, *fraco* – Não estamos atados? (*Pausa.*) Não estamos –

VLADIMIR – Ouve!

*Escutam com uma rigidez grotesca.*

ESTRAGON – Não oiço nada.

VLADIMIR – Shhht! (*Escutam. Estragon perde o equilíbrio e quase cai. Apoia-se no braço de Vladimir, que vacila. Escutam, agarrados um ao outro.*) Eu também não.

*Suspiros de alívio. Descontraem-se e separam-se.*

ESTRAGON – Assustaste-me.

VLADIMIR – Pensava que era ele.

ESTRAGON – Quem?

VLADIMIR – Godot.

ESTRAGON – Oh! É o vento no canavial.

VLADIMIR – Ia jurar que eram gritos.

ESTRAGON – E porque é que ele havia de gritar?

VLADIMIR – Para o cavalo dele.

*Silêncio.*

**GODOT 15**

---

ESTRAGON, *violentamente* – Tenho fome.

VLADIMIR – Queres uma cenoura?

ESTRAGON – Não há mais nada?

VLADIMIR – Sou capaz de ter uns nabos.

ESTRAGON – Dá-me uma cenoura. (*Vladimir vasculha nos bolsos, tira um nabo e oferece-o a Estragon. Zangado.*) É um nabo!

VLADIMIR – Ai, desculpa! Ia jurar que era uma cenoura. (*Vasculha nos bolsos e só encontra nabos.*) Só há nabos! (*Continua a vasculhar.*) Deves ter comido a última. (*Vasculha.*) Espera, já encontrei. (*Tira uma cenoura e dá-a a Estragon.*) Toma, meu caro. (*Estragon limpa a cenoura à manga e começa a comê-la.*) Devolve-me o nabo. (*Estragon dá-lhe o nabo, que ele volta a meter no bolso.*) Fá-la durar, que é a última.

ESTRAGON, *mastigando* – Eu fiz-te uma pergunta.

VLADIMIR – Ah!

ESTRAGON – Respondeste-me?

VLADIMIR – Que tal é a cenoura?

ESTRAGON – É uma cenoura.

VLADIMIR – Ainda bem. Ainda bem. (*Pausa.*) O que é que me perguntaste?

ESTRAGON – Já me esqueci. (*Mastiga.*) É isso que me chateia. (*Chupa a ponta da cenoura e medita.*)

ESTRAGON – Ah, já me lembro.

VLADIMIR – E então?

ESTRAGON, *de boca cheia, distraído* – Não estamos atados?

VLADIMIR – Não percebo nada.

ESTRAGON, *mastiga e engole* – Estou a perguntar-te se estamos atados.

VLADIMIR – Atados?

ESTRAGON – A-ta-dos.

VLADIMIR – O que é que queres dizer com «atados»?

ESTRAGON – Os pés e as mãos.

VLADIMIR – Mas a quem? Por quem?

ESTRAGON – Ao teu homem.

VLADIMIR – A Godot? Atados a Godot? Que ideia! Nem pensar nisso. (*Pausa.*) Por enquanto.

ESTRAGON – Ele chama-se Godot?

VLADIMIR – Acho que sim.

---

## SEGUNDA FUGA (A MARCHA MILITAR)

*Um grito horrível, bem perto. Estragon deixa cair a cenoura. Ficam estáticos e depois precipitam-se na direcção dos bastidores. Estragon pára a meio do caminho, volta atrás, apanha a cenoura, mete-a no bolso, corre para Vladimir que o espera, pára de novo, volta atrás, apanha a bota, corre para se juntar a Vladimir. Abraçados, as cabeças nos ombros, afastam-se do perigo, esperam, de costas para o sítio de onde entram Bam, Pim, Pam e Pum.*

*Marcha de Bam, Pim, Pam, Pum. Durante a Marcha:*

ESTRAGON, *em voz baixa* – É ele?

VLADIMIR – Quem?

ESTRAGON, *tentando lembrar-se do nome* – O... o...

VLADIMIR – Godot?

ESTRAGON – Sim.

VLADIMIR, *para Estragon* – Nem penses!

*(Depois de Bam, Pim, Pam e Pum saírem.)*

ESTRAGON, *voltando-se* – O senhor não é o Sr. Godot? *(Não vê ninguém.)*

*Pausa.*

**GODOT 16**

---

VLADIMIR – Que «soirée» encantadora.

ESTRAGON – Inesquecível.

VLADIMIR – E ainda não acabou.

ESTRAGON – Parece que não.

VLADIMIR – Ainda agora começou.

ESTRAGON – É horrível.

VLADIMIR – Até parece que estamos no teatro.

ESTRAGON – No circo.

VLADIMIR – No musical.

ESTRAGON – No circo.

*(Pausa.)*

VLADIMIR – Será que nunca mais é noite?

*Olham os dois para o céu. Pausa.*

**GODOT 17**

---

ESTRAGON, *aproximando-se da pedra* – Apetecia-me mesmo sentar, mas não sei bem como é que devo fazer.

VALDIMIR – Posso ajudá-lo?

ESTRAGON – Se calhar se me pedisse...

VLADIMIR – O quê?

ESTRAGON – Se me pedisse para eu me sentar.

VLADIMIR – Isso ajudava?

ESTRAGON – Creio que sim.

VLADIMIR – Então vamos lá. Sente-se, meu senhor, faça o obséquio.

ESTRAGON – Ai não, não. Nem pensar! (*Pausa. Aparte.*) Peça outra vez.

VALDIMIR – Vá lá, sente-se, eu insisto. Ainda apanha uma pneumonia.

ESTRAGON – Acha mesmo?

VLADIMIR – Tenho a certeza absoluta.

ESTRAGON – Tem toda a razão. Muito obrigado, meu caro. (*Senta-se e adormece.*)

*Vladimir vai para o pé da árvore.*

VLADIMIR – O tempo parou. (*Silêncio.*)

---

**TERCEIRA FUGA (A PARTIR DE COME AND GO)**

*Entram Vi, Ru e Flo. Sentam-se no banco. Pausa.*

*(Silêncio.)*

VI – Quando foi o nosso último encontro?

RU – Fiquemos em silêncio.

*(Silêncio. Vi sai. Silêncio.)*

FLO – Ru?

RU – Sim.

FLO – Que impressão te causou a Vi?

RU – Não notei grande diferença. *(Flo vai até ao centro do banco, segreda-lhe ao ouvido. Chocada.)* Ah! *(Olham-se, Flo leva o dedo até aos lábios.)* E ela apercebeu-se?

FLO – Deus queira que não. *(Entra Vi. Flo e Ru viram-se para a frente, refazendo a sua postura. Vi senta-se à direita. Silêncio.)* As três de novo sentadas lado a lado, sem mais, como outrora, no recreio do colégio de freiras.

RU – Em cima do tronco. *(Silêncio. Sai Flo pela esquerda. Silêncio.)* Vi?

VI – Sim.

RU – Como achaste a Flo?

VI – Parece-me na mesma. *(Ru vai até ao centro do banco, segreda-lhe ao ouvido.)* Ah! *(Olham-se. Ru leva o dedo aos lábios. Silêncio.)* E disseram-lhe?

RU – Queira Deus que não. *(Entra Flo. Ru e Vi viram-se para a frente, refazendo a sua postura. Flo senta-se à esquerda.)* As três de mãos dadas... como outrora.

FLO – Sonhando com... o amor. *(Silêncio. Ru sai pela direita. Silêncio.)*

VI – Flo?

FLO – Sim.

VI – Reparaste bem na Ru?

FLO – Vê-se mal, com esta luz. *(Vi vai até ao centro do banco, segreda-lhe ao ouvido. Chocada.)* Ah! *(Olham-se. Vi leva o dedo aos lábios.)* E ela sabe?

VI – Que Deus a guarde disso. *(Entra Ru. Vi e Flo viram-se para a frente, refazendo a sua postura. Ru senta-se à direita. Silêncio.)* E se não falássemos dos velhos tempos? *(Silêncio.)* E do que aconteceu depois? *(Silêncio.)* E se déssemos as mãos, como antigamente?

*(Passado um momento, dão as mãos da seguinte maneira: a mão direita de Vi com a mão direita de Ru, no colo de Ru. A mão esquerda de Vi com a mão esquerda de Flo, no colo de Flo. A mão direita de Flo com a mão esquerda de Ru, em cima do colo de Vi. Os braços de Vi em cima do braço esquerdo de Ru e do braço direito de Flo. Silêncio.)*

FLO – Consigo sentir os anéis. *(Saem. Silêncio.)*

---

**GODOT 18**

*Estragon acorda de repente, assustado, levanta-se, olha desenfreadamente em redor. Vladimir vai a correr ter com ele, põe os braços à sua volta.*

VLADIMIR, *terno* – Pronto... pronto... o Didi está aqui... não tenhas medo...

ESTRAGON – Ai!

VLADIMIR – Pronto... pronto... já passou.

ESTRAGON – Eu estava a cair –

VLADIMIR – Já passou, já passou.

ESTRAGON – Estava no topo duma –

VLADIMIR – NÃO MO CONTES!

*(Silêncio.)*

---

**GODOT 19**

ESTRAGON – O que é que fazemos agora?

VLADIMIR – Não sei.

ESTRAGON, *suspira* – Vamos embora.

VLADIMIR, *suspira* – Não podemos.

ESTRAGON, *suspira* – Porquê?

VLADIMIR, *suspira* – Estamos à espera de Godot.

ESTRAGON, *sem esperança* – Ah, pois é.

*Suspiram os dois. Pausa.*

ESTRAGON – Ai! (*Vladimir não reage.*) Ai!

VLADIMIR, *para si próprio* – À espera de Godot...

ESTRAGON – Didi! Ai! Agora é o outro pé!

*Coxeia até à pedra e senta-se.*

VLADIMIR – À espera de Godot...

*Silêncio.*

**GODOT 20**

---

*O Menino aparece junto à árvore.*

MENINO – Desculpe!

ESTRAGON – Lá vamos nós outra vez.

VLADIMIR – Aproxima-te, meu filho.

*O Menino avança timidamente na direcção de Vladimir. Detém-se.*

MENINO – Sr. Alberto...?

VLADIMIR – Sim.

ESTRAGON – O que é que tu queres?

VLADIMIR – Aproxima-te.

*O Menino não se mexe.*

ESTRAGON, *autoritário* – Então, estás surdo?

*O Menino aproxima-se mais um pouco, timidamente. Detém-se.*

VLADIMIR – O que é?

MENINO – O Sr. Godot...

VLADIMIR – Claro... (*Pausa.*) Aproxima-te.

ESTRAGON, *violento* – Tu queres fazer o favor de te aproximar! (*O Menino avança timidamente.*) Por que é que demoraste tanto tempo?

VLADIMIR – Tens um recado do Sr. Godot?

MENINO – Sim, senhor.

VLADIMIR – E então, o que é?

ESTRAGON – Por que é que demoraste tanto tempo?

*O Menino olha alternadamente para cada um deles, sem saber a quem responder.*

VLADIMIR, *para Estragon* – Deixa-o em paz.

ESTRAGON, *violento* – Deixa-me tu em paz! (*Avançando para o Menino.*) Fazes ideia de que horas são?

MENINO, *recuando* – A culpa não é minha, senhor.

ESTRAGON – Então de quem é? É minha?

MENINO – Eu estava com medo, senhor.

ESTRAGON – Medo de quê? De nós? (*Pausa.*) Responde!

VLADIMIR – Já percebi, teve medo dos outros.

ESTRAGON – Há quanto tempo é que estavas ali?

MENINO – Há um bocado, senhor.

VLADIMIR – Tiveste medo dos pesadelos.

MENINO – Sim, senhor.

VLADIMIR – Dos berros.

MENINO – Sim, senhor.

VLADIMIR – Dos dois homens grandes.

MENINO – Sim, senhor.

VLADIMIR – Conhece-los?

MENINO – Não, senhor.

VLADIMIR – Tu és natural daqui? (*Silêncio.*) És daqui?

MENINO – Sim, senhor.

ESTRAGON – Isso é tudo uma data de mentiras. (*Sacudindo o Menino pelo braço.*) Dize-nos a verdade.

MENINO, *tremendo* – Mas é essa a verdade, senhor!

VLADIMIR – És capaz de o deixar em paz?! O que é que se passa contigo? (*Estragon solta o Menino. Afasta-se, cobrindo a cara com as mãos. Vladimir e o Menino observam-no. Estragon deixa cair as mãos, a cara mostra perturbação.*) O que é que se passa contigo?

ESTRAGON – Sou infeliz.

VLADIMIR – Não me digas! Desde quando?

ESTRAGON – Já me esqueci.

VLADIMIR – É extraordinário!, as partidas que a memória nos prega!

*Estragon tenta falar, mas desiste, coxeia até ao monte de pedra, senta-se e adormece.*

---

**GODOT 21**

VLADIMIR, *para o Menino* – Então?

MENINO – O Sr. Godot –

VLADIMIR, *interrompe-o* – Não é a primeira vez que te vejo, pois não?

MENINO – Não sei, senhor.

VLADIMIR – Não me conheces?

MENINO – Não, senhor.

VLADIMIR – Não estiveste cá ontem?

MENINO – Não, senhor.

VLADIMIR – É a primeira vez?

MENINO – Sim, senhor.

*Silêncio.*

VLADIMIR – Palavras, palavras. (*Pausa.*) Fala.

MENINO, *apressado e dum só vez* – O Sr. Godot disse-me para vos dizer que não vem esta noite mas que vem amanhã sem falta.

*Silêncio.*

VLADIMIR – É tudo?

MENINO – Sim, senhor.

*Silêncio.*

VLADIMIR – Trabalhas para o Sr. Godot?

MENINO – Sim, senhor.

VLADIMIR – O que é que fazes?

MENINO – Tomo conta das cabras, senhor.

VLADIMIR – Ele é bom para ti?

MENINO – Sim, senhor.

VLADIMIR – Não te bate?

MENINO – Não, a mim não, senhor.

VLADIMIR – Em quem é que ele bate?

MENINO – Bate no meu irmão, senhor.

VLADIMIR – Ah, tens um irmão?

MENINO – Sim, senhor.

VLADIMIR – O que é que ele faz?

MENINO – Toma conta das ovelhas, senhor.

VLADIMIR – E porque é que ele não te bate a ti?

MENINO – Não sei, senhor.

VLADIMIR – Deve gostar de ti.

MENINO – Não sei, senhor.

*Silêncio.*

VLADIMIR – Ele dá-te comida suficiente? (*O Menino hesita.*) Ele alimenta-te bem?

MENINO – Bastante bem, senhor.

VLADIMIR – Não és infeliz? (*O Menino hesita.*) Estás a ouvir-me?

MENINO – Sim, senhor.

VLADIMIR – Então?

MENINO – Não sei, senhor.

VLADIMIR – Não sabes se és ou não infeliz?

MENINO – Não, senhor.

VLADIMIR – Estás tão mal como eu. (*Silêncio.*) Onde é que dormes?

MENINO – No celeiro, senhor.

VLADIMIR – Com o teu irmão?

MENINO – Sim, senhor.

VLADIMIR – Na palha?

MENINO – Sim, senhor.

*Silêncio.*

VLADIMIR – Está bem, podes ir-te embora.

MENINO – E o que é que digo ao Sr. Godot, senhor?

VLADIMIR – Diz-lhe... (*hesita*)... diz-lhe que nos viste. (*Pausa.*) Tu viste-nos, não viste?

*O Menino sai.*

**GODOT 22**

---

*O Menino faz subir a lua na moldura, ao fundo.*

VLADIMIR – Até que enfim! (*Estragon acorda e tira a outra bota. Levanta-se com uma bota em cada mão. Pousa-as na boca de cena. Da primeira vez, fazem barulho. Repete, sem barulho. Endireita-se e dirige-se para a lua.*) O que é que tu estás a fazer?

ESTRAGON – Pálida de aborrecimento.

VLADIMIR – Hã?

ESTRAGON – Por subir ao céu e ficar a olhar para os nossos semelhantes.

VLADIMIR – As tuas botas. O que é que estás a fazer com as tuas botas?

ESTRAGON, *volta-se para as botas* – Vou deixá-las ali. (*Pausa.*) Há-de vir alguém igual a... igual a... a mim, mas com os pés mais pequenos, e as botas hão-de o fazer feliz.

VLADIMIR – Mas não podes andar descalço!

ESTRAGON – Cristo andou.

VLADIMIR – Cristo! O que é que Cristo tem a ver com isto? Não estás a pensar comparar-te com Cristo.

ESTRAGON – Passei toda a minha vida a comparar-me com ele.

VLADIMIR – Mas lá onde ele vivia fazia calor, era seco.

ESTRAGON – Pois. E eram rápidos a crucificar.

*Silêncio.*

VLADIMIR – Já não temos mais nada a fazer aqui.

ESTRAGON – Nem em nenhum outro sítio.

VLADIMIR – Então, Gogo, não sejas assim. Vais ver que amanhã vai tudo correr melhor.

ESTRAGON – Porque é que achas isso?

VLADIMIR – Não ouviste o que o menino disse?

ESTRAGON – Não.

VLADIMIR – Ele disse que Godot vem amanhã sem falta. *(Pausa.)* O que é que me dizes a isto?

ESTRAGON – Então só temos de continuar a esperar aqui.

VLADIMIR – És doido? Temos de nos abrigar. *(Agarra Estragon pela mão.)* Anda.

*Arrasta Estragon atrás de si em direcção à árvore. Estragon começa por se deixar ir, mas depois resiste. Param.*

ESTRAGON, *olhando para a árvore* – É pena não termos um bocado de corda.

VLADIMIR – Anda. Está frio.

*Arrasta Estragon consigo. Como antes.*

ESTRAGON – Vê se me lembras amanhã de trazer um bocado de corda.

VLADIMIR – Está bem. Anda.

*Param um de cada lado da árvore. De frente para o público.*

ESTRAGON – Há quanto tempo é que andamos sempre os dois juntos?

VLADIMIR – Não sei. Talvez há cinquenta anos.

ESTRAGON – Lembras-te do dia em que me atirei ao rio Douro?

VLADIMIR – Andávamos nas vindimas.

ESTRAGON – Foste tu que me tiraste de lá.

VLADIMIR – Isso já está morto e enterrado.

ESTRAGON – As minhas roupas secaram ao sol.

VLADIMIR – Não penses mais nisso. (*Silêncio.*) Tenho frio!

---

**GODOT 25**

ESTRAGON – Espera! (*Afasta-se de Vladimir.*) Não sei se não estaríamos melhor sozinhos, cada um para seu lado. (*Atravessa o palco e senta-se na pedra.*) Não fomos feitos para o mesmo caminho.

VLADIMIR, *sem se ofender* – Vá-se lá saber.

ESTRAGON – Pois é, nunca se sabe.

*Vladimir atravessa o palco lentamente e senta-se ao lado de Estragon.*

VLADIMIR – Se achas que é melhor, podemos sempre separar-nos.

ESTRAGON – Agora já não vale a pena.

*Silêncio.*

VLADIMIR – É verdade, agora já não vale a pena.

*Silêncio. Olham um para o outro, mas depois afastam o olhar.*

ESTRAGON – Então, vamos embora?

VLADIMIR – Vamos.

*Não se mexem. Fade out.*

---

**QUARTA FUGA (A PARTIR DE WHAT WHERE)**

BAM – A andar! Marche.

*Pim, Pam e Pum formam uma fila.*

BAM – Cantinho!

*Pim, Pam e Pum vão-se colocar num cantinho, cabeças encostadas à parede, de costas para o público. Bam sobe para cima do banco.*

BAM – Somos os últimos quatro. No presente como se ainda lá estivéssemos. É primavera. O tempo passa. Assim, não dá. Recomeço. Pim, Pam, Pum, cada bola mata um. Somos os últimos quatro. Assim, sim. Estou só. É primavera. O tempo passa. No fim, aparece Pim. Reaparece. (*Pim entra, de cabeça baixa.*)

BAM – E então?

PIM (*o tempo todo de cabeça baixa*) – Nada.

BAM – Ele não disse nada?

PIM – Não.

BAM – Espremeste-o bem?

PIM – Sim.

BAM – E ele não disse nada?

PIM – Não.

BAM – Chorou?

PIM – Sim.

BAM – Gritou?

PIM – Sim.

BAM – Implorou clemência?

PIM – Sim.

BAM – Mas não disse nada?

PIM – Não.

BAM – Assim, não dá. Recomeço.

BAM – E então?

PIM – Nada.

BAM – Ele não confessou?

BAM – Assim, sim.

PIM – Não.

BAM – Espremeste-o bem?

PIM – Sim.

BAM – E ele não confessou?

PIM – Não.

BAM – Chorou?

PIM – Sim.

BAM – Gritou?

PIM – Sim.

BAM – Implorou clemência?

PIM – Sim.

BAM – Mas não confessou?

PIM – Não.

BAM – Então por que paraste?

PIM – Ele desmaiou.

BAM – E não o reanimaste?

PIM – Tentei.

BAM – E então?

PIM – Não consegui. *(Pausa.)*

BAM – É mentira *(Pausa.)* Ele confessou. *(Pausa.)* Confessa que ele confessou. *(Pausa.)*

Serás espremido até confessares.

BAM – Assim, sim. No fim, aparece Pam.

*(Pam entra, de cabeça erguida.)*

BAM *(para Pam)* – Estás livre?

PAM – Sim.

BAM – Então leva-o e espreme-o até ele confessar.

PAM – E o que tem ele de confessar?

BAM – Que ele confessou.

PAM – É tudo?

BAM – Sim.

BAM – Assim, não dá. Recomeço.

BAM – Leva-o e espreme-o até ele confessar.

PAM – E o que tem ele de confessar?

BAM – Que ele confessou.

PAM – É tudo?

BAM – E o quê.

BAM – Assim, sim.

PAM – É tudo?

BAM – Sim.

PAM – E depois paro?

BAM – Sim.

PAM – Muito bem. *(Para Pim)* Segue-me. *(Pam sai, seguido por Pim.)*

BAM – Assim, sim. Estou só. É verão. O tempo passa. No fim, aparece Pam. Reaparece.

*(Pam entra, de cabeça baixa.)*

BAM – E então?

PAM *(o tempo todo de cabeça baixa)* – Nada.

BAM – Ele não confessou?

PAM – Não.

BAM – Espreme-o bem?

PAM – Sim.

BAM – E ele não confessou?

PAM – Não.

BAM – Assim, não dá. Recomeço.

BAM – E então?

PAM – Nada.

BAM – Ele não confessou onde?

BAM – Assim, sim.

PAM – Onde?

BAM – Ah!

BAM – Onde.

PAM – Não.

BAM – Espreme-o bem?

PAM – Sim.

BAM – E ele não confessou onde?

PAM – Não.

BAM – Chorou?

PAM – Sim.

BAM – Gritou?

PAM – Sim.

BAM – Implorou clemência?

PAM – Sim.

BAM – Mas não confessou onde?

PAM – Não.

BAM – Então por que paraste?

PAM – Ele desmaiou.

BAM – E não o reanimaste?

PAM – Tentei.

BAM – E então?

PAM – Não consegui. *(pausa)*

BAM – É mentira. *(Pausa.)* Ele confessou-te onde. *(Pausa.)* Confessa que ele te confessou onde. *(Pausa.)* Serás espremido até confessares.

BAM – Assim, sim. No fim, aparece Pum.

*(Pum entra, de cabeça erguida.)*

BAM *(para Pum)* – Estás livre?

PUM – Sim.

BAM – Então leva-o e espreme-o até ele confessar.

PUM – E o que tem ele de confessar?

BAM – Que ele lhe confessou onde.

PUM – É tudo?

BAM – Sim.

BAM – Assim, não dá. Recomeço.

BAM – Leva-o e espreme-o até ele confessar.

PUM – E o que tem ele de confessar?

BAM – Que ele lhe confessou onde.

PUM – É tudo?

BAM – E onde.

BAM – Assim, sim.

PUM – É tudo?

BAM – Sim.

PUM – E depois paro?

BAM – Sim.

PUM – Muito bem. *(Para Pam.)* Segue-me. *(Pum sai, seguido por Pam.)*

BAM – Assim, sim. Estou só. É outono. O tempo passa. No fim, aparece Pum.

Reaparece.

*(Pum entra, de cabeça baixa.)*

BAM – E então?

PUM *(o tempo todo de cabeça baixa)* – Nada.

BAM – Ele não confessou onde?

PUM – Não.

BAM – Adiante.

BAM – É mentira. *(Pausa.)* Ele confessou-te onde. *(Pausa.)* Confessa que ele te confessou onde. *(Pausa.)* Serás espremido até confessares.

PUM – E o que tenho eu de confessar?

BAM – Que ele te confessou onde.

PUM – É tudo?

BAM – E onde.

PUM – É tudo?

BAM – Sim.

PUM – E depois paramos?

BAM – Sim. Segue-me.

*(Bam caminha, seguido de Pum. Pum volta para o pé de Pim e Pam. Bam dirige-se para Pum, que o manda para o cantinho. Bam esconde-se por trás das pernas de Pim e Pam.)*

*O Menino coloca duas folhas verdes nos dois ramos da árvore. Sai.*

PUM – A Andar! Marche!

*Pim, Pam e Bam formam uma fila atrás de Pum. Saem.*

**GODOT 26**

---

*Estragon e Vladimir continuam sentados na pedra. Estragon dorme.*

VLADIMIR – Cão rafeiro esfo –  
*Tendo começado num tom demasiado agudo, limpa a garganta e recomeça.*

Cão rafeiro esfomeado  
Aboca um osso à socapa  
Mas salta-lhe o dono irado  
Faz-lhe os ossos numa papa.

Corre toda a canzoada  
O rafeiro a enterrar...  
(*Pára, medita, recomeça.*)

Corre toda a canzoada  
O rafeiro a enterrar  
E sobre a tumba é gravada  
Esta inscrição tumular:

*Gogo acorda, sobressaltado.*

**GODOT 27**

---

VLADIMIR – Cá estás tu outra vez! Vem cá para eu te abraçar.

ESTRAGON – Não me toques!

*Vladimir detém-se, magoado.*

VLADIMIR – Queres que eu me vá embora? (*Pausa.*) Gogo! (*Pausa. Vladimir observa-o atentamente.*) Bateram-te? (*Pausa.*) Gogo! (*Estragon continua calado, cabisbaixo.*)

Onde é que passaste a noite?

ESTRAGON – Não me toques! Não me perguntes nada! Não me digas nada! Fica comigo!

VLADIMIR – Alguma vez te abandonei?

ESTRAGON – Deixaste-me ir embora.

VLADIMIR – Olha para mim. (*Estragon não levanta a cabeça. Violentemente.*) És capaz de olhar para mim?

*Estragon levanta a cabeça. Olham durante bastante tempo um para o outro. Vladimir avança e tenta abraçar Estragon, mas ele não deixa e começa logo a falar.*

ESTRAGON – Mas que dia!

VLADIMIR – Quem é que te bateu? Conta-me.

ESTRAGON – Mais um dia que se acaba.

VLADIMIR – Ainda não.

ESTRAGON – Para mim já está mais que acabado, aconteça o que acontecer. (*Silêncio.*)

Ouvi-te cantar.

VLADIMIR – É verdade, eu lembro-me.

ESTRAGON – Deu cabo de mim. Disse para mim mesmo: «Ele está sozinho, julga que eu parti para sempre e canta.»

VLADIMIR – Tive saudades tuas... e ao mesmo tempo estava feliz. Não é esquisito?

ESTRAGON, *chocado* – Feliz?

VLADIMIR – Talvez não seja bem essa a palavra.

ESTRAGON – E agora?

VLADIMIR – Agora?... (*Alegre.*) Cá estás tu outra vez... (*Indiferente.*) Cá estamos nós outra vez... (*Sombrio.*) Cá estou eu outra vez... (*Silêncio.*) Cá estás tu outra vez, e eu estou feliz. Tu também deves estar feliz, lá no fundo: confessa.

ESTRAGON – Feliz com quê?

VLADIMIR – Por estares outra vez comigo.

ESTRAGON – Achas que estou?

VLADIMIR – Diz que estás, mesmo que não seja verdade.

ESTRAGON – O que é que digo?

VLADIMIR – Diz: «Eu estou feliz.»

ESTRAGON, *imitando Vladimir* – Eu estou feliz.

VLADIMIR – Eu também.

ESTRAGON, *imitando Vladimir* – Eu também.

VLADIMIR – Nós estamos felizes.

ESTRAGON, *imitando Vladimir* – Nós estamos felizes.

*Silêncio.*

ESTRAGON – E o que é fazemos agora, agora que estamos felizes?

VLADIMIR – Esperamos por Godot.

ESTRAGON – Ah, pois é.

*Silêncio.*

VLADIMIR – Há novidades por aqui, desde ontem.

ESTRAGON – E se ele não vier?

VLADIMIR – Logo se vê. (*Pausa.*) Eu disse que há novidades por aqui, desde ontem.

ESTRAGON – Tudo escorre.

VLADIMIR – Repara na árvore.

ESTRAGON – Nunca nos banhamos duas vezes no mesmo pus.

VLADIMIR – A árvore, repara na árvore.

*Estragon olha para a árvore.*

ESTRAGON – Não estava ali ontem?

VLADIMIR – Estava, claro que estava. Já te esqueceste? Não nos enforcámos nela por uma unha negra. Mas tu não quiseste. Já não te lembras?

ESTRAGON – Sonhaste.

VLADIMIR – Será possível que já te tenhas esquecido?

ESTRAGON – Eu sou assim. Ou me esqueço logo ou então nunca mais me esqueço.

*Vladimir suspira profundamente. Silêncio.*

VLADIMIR – É difícil viver contigo, Gogo.

ESTRAGON – Era melhor separarmo-nos.

VLADIMIR – Estás sempre a dizer isso, mas acabas sempre por voltar.

ESTRAGON – O melhor seria matares-me, como o outro.

VLADIMIR – Qual outro? (*Pausa.*) Qual outro?

ESTRAGON – Como biliões de outros.

VLADIMIR, *sentencioso* – A cada homem a sua cruz. (*Suspira.*) Até morrer. (*Suspira.*) E ser esquecido.

(*Silêncio.*)

---

**GODOT 28**

ESTRAGON – Enquanto esperamos podemos tentar conversar calmamente, já que somos incapazes de ficar calados.

VLADIMIR – Tens razão, somos inesgotáveis.

ESTRAGON – É para não pensarmos.

VLADIMIR – Temos essa desculpa.

ESTRAGON – É para não ouvirmos.

VLADIMIR – Nós cá temos as nossas razões... (*Três suspiros.*)

ESTRAGON – Todas as vozes mortas.

VLADIMIR – Fazem um barulho de asas.

ESTRAGON – De folhas.

VLADIMIR – De areia.

ESTRAGON – De folhas.

*Silêncio.*

VLADIMIR – Falam todas ao mesmo tempo.

ESTRAGON – Cada uma para si.

*Silêncio.*

VLADIMIR – Na verdade, cochicham.

ESTRAGON – Murmuram.

VLADIMIR – Sussurram.

ESTRAGON – Murmuram.

*Silêncio.*

VLADIMIR – O que dizem elas?

ESTRAGON – Falam da vida delas.

VLADIMIR – Não lhes chega ter vivido.

ESTRAGON – Têm de falar sobre isso.

VLADIMIR – Não lhes chega estarem mortas.

ESTRAGON – Não chega.

*Silêncio.*

VLADIMIR – Fazem um barulho de penas.

ESTRAGON – De folhas.

VLADIMIR – De cinzas.

ESTRAGON – De folhas.

*Longo silêncio.*

VLADIMIR – Diz alguma coisa!

ESTRAGON – Estou a tentar.

*Longo silêncio.*

VLADIMIR, *angustiado* – Diz qualquer coisa, não interessa o quê!

ESTRAGON – O que é que fazemos agora?

VLADIMIR – Esperamos por Godot.

ESTRAGON – Ah, pois é.

*Silêncio.*

---

**GODOT 28**

VLADIMIR – Isto é horrível!

ESTRAGON – Canta qualquer coisa.

VLADIMIR – Não, não! (*Pensa.*) Talvez pudéssemos começar a dizer tudo outra vez, do princípio.

ESTRAGON – Isso não é lá muito difícil.

VLADIMIR – O princípio é que é difícil.

ESTRAGON – Podemos recomeçar de um sítio qualquer.

VLADIMIR – Pois, mas temos de decidir.

ESTRAGON – Tens razão.

*Silêncio.*

VLADIMIR, *olhando para o público* – De onde é que vêm estes cadáveres todos?

ESTRAGON – Estas ossadas.

VLADIMIR – Um jazigo! Um jazigo!

ESTRAGON – Não és obrigado a olhar.

VLADIMIR – Saltam à vista.

ESTRAGON – Lá isso é verdade.

VLADIMIR – Mesmo que não se queira.

ESTRAGON – *I beg your pardon?*

VLADIMIR – Mesmo que não se queira.

ESTRAGON – Lá isso é verdade.

ESTRAGON, *depois de tentar em vão conseguir compreender* – Estou cansado. (*Pausa.*) Se ao menos conseguisse dormir.

VLADIMIR – Ontem dormiste.

ESTRAGON – Vou tentar.

VLADIMIR – Espera. (*Coloca Estragon no seu colo e começa a cantar alto.*)

Ó-ó-ó-ó-ó-ó  
Ó-ó-ó-

ESTRAGON, *levanta a cabeça, zangado* – Mais baixo!

**GODOT 29**

---

VLADIMIR, *suavemente* – Ó-ó-ó-ó-ó-ó  
Ó-ó-ó-ó-ó-ó  
Ó-ó-ó-ó-ó-ó  
Ó-ó-ó-

*Estragon adormece.*

VLADIMIR – Será que eu adormeci enquanto os outros sofriam? Será que estou a dormir neste momento? Amanhã, quando acordar, ou pensar que estou a acordar, o que direi do dia de hoje? Que, acompanhado do Estragon, Gogo, meu amigo, neste sítio, até ao cair da noite, estive à espera de Godot? Que passou um homem amarrado a outros três? Provavelmente. Mas em tudo isto o que é que há de verdade? (*Olha fixamente para Estragon.*) Ele não saberá de nada. Vai falar dos socos que apanhou e eu vou dar-lhe uma cenoura. (*Pausa. Olha para o público.*) O espaço está cheio dos nossos gritos. (*Escuta.*) Mas a rotina é uma grande surdina. (*Olha outra vez para Estragon.*) Para mim, também estão a olhar para mim. De mim, também estão a falar de mim. Está a

dormir, não sabe nada, deixem-no dormir. (*Pausa.*) Não consigo continuar! (*Pausa.*)

Que disse eu?

---

**GODOT 30**

*Entra o Menino, pela direita. Pára. Silêncio.*

MENINO – O senhor desculpe... (*Vladimir vira-se.*) Sr. Alberto...

VLADIMIR – Lá vamos nós outra vez. (*Pausa.*) Tu não me reconheces?

MENINO – Não, senhor.

VLADIMIR – Não foste tu que estiveste cá ontem.

MENINO – Não, senhor.

VLADIMIR – É a primeira vez.

MENINO – Sim, senhor.

VLADIMIR – Vens da parte do Sr. Godot.

MENINO – Sim, senhor.

VLADIMIR – Ele não vem esta noite.

MENINO – Não, senhor.

VLADIMIR – Mas vem amanhã.

MENINO – Sim, senhor.

VLADIMIR – Sem falta.

MENINO – Sim, senhor.

*Silêncio.*

VLADIMIR – Encontraste alguém?

MENINO – Não, senhor.

VLADIMIR – Outros... (*hesita*)... homens?

MENINO – Não vi ninguém, senhor.

*Silêncio.*

VLADIMIR – O que é que ele faz, o Sr. Godot? (*Silêncio.*) Estás a ouvir-me?

MENINO – Estou, senhor.

VLADIMIR – Então?

MENINO – Não faz nada, senhor.

*Silêncio.*

VLADIMIR, *suavemente* – Tem barba, o Sr. Godot?

MENINO – Sim, senhor.

VLADIMIR – Loira ou...(*hesita*)... ou preta... ou ruiva?

MENINO – Acho que é branca, senhor.

*Silêncio.*

VLADIMIR – Que Cristo tenha piedade de nós.

*Silêncio.*

MENINO – O que é que eu digo ao Sr. Godot?

VLADIMIR – Diz-lhe que... (*hesita*)... diz-lhe que me viste e que... (*hesita*)... que me viste.

(*Pausa.*) Tens a certeza que me viste?! (*Com uma violência repentina.*) Amanhã não me

vais dizer que nunca me viste!

*Estragon acorda, sobressaltado.*

**GODOT 31**

---

*O Menino olha para os dois e ouve a conversa.*

ESTRAGON – Dormi muito?

VLADIMIR – Não sei.

*Silêncio.*

ESTRAGON – Didi.

VLADIMIR – Sim.

ESTRAGON – Eu já não posso continuar assim.

VLADIMIR – Isso é o que tu pensas. *(Pausa.)* Amanhã enforcamo-nos. *(Pausa.)* A não ser que venha Godot.

ESTRAGON – E se vier?

VLADIMIR – Estamos salvos.

*Silêncio.*

VLADIMIR – Então? Vamos embora?

ESTRAGON – Vamos.

*Não se mexem. Fade out sobre Gogo e Didi.*

---

**FINALE**

*O Menino vira-se para a frente e fica a olhar para o público. Fade out muito progressivo até ao blackout total.*